

ORIENTE, OCIDENTE, ORIGEM

Maria Suzete Salib

Em “O Oriente e o Ocidente”, Gilberto Freyre¹ examina o ideal de civilização do Brasil imperial que esteve pautado pela substituição das cores, gestos e formas orientais, assimilados pelos portugueses através dos mouros, negros e judeus, em favor da importação de seus equivalentes no Ocidente.

Parte importante do processo de ocidentalização que começou a ser importado neste período se aplica à arquitetura doméstica, estende-se às ruas, às igrejas e aos costumes. Influenciado pelas “técnicas ocidentais de produção, de transporte, de urbanização, de iluminação, de habitação, de conservação e preparação de alimentos, de recreação, de saneamento das ruas e de casas ...”,² o Brasil imperial deu início ao chamado “desassombramento”.

As janelas das casas recebem vidros ingleses em substituição às gelosias, os beirais e varandas desaparecem, os becos cedem lugar às ruas largas como as do Ocidente, os véus franceses, transparentes, descobrem os rostos em lugar dos {orientais xales espessos} antes utilizados nas igrejas, a vela é substituída pelo candeeiro a querosene ou gás.

O ideal que está em jogo neste momento histórico – iniciado desde a transferência da Corte para o Brasil – é o ideal da *formação*, cujo objeto identificatório a ser investido localiza-se em um ponto preciso do Ocidente: a Inglaterra. É deste período que Freyre recupera o “sentido sociológico” da frase: “para inglês ver”.

¹ FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos - decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. Vol II. 6ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1998.

² Idem, p. 431.

Convergem para esse propósito de identificação com os costumes europeus argumentos, amparados pelo discurso da ciência médica, que veiculavam ideais de eugenia, mediante a ameaça de importação de trabalhadores asiáticos ‘livres’, –“povo sem vida e sem futuro”– em substituição aos escravos. Essa corrente de pensamento justificava o direito a uma linhagem étnica e cultural européia amparada no juízo de que “o que nos convinha era ‘a raça forte e energética dos neolatinos e anglo-saxônicos’, ‘que com sua intervenção’ viessem ‘inocular-nos o sangue fervente da agitação industrial.’”³

No auge da política de ocidentalização, reconstruído por Freyre, fazia-se ouvir o apelo à eugenia, ideal de pureza seletiva em nome da identidade étnica e cultural, apregoado contra a invasão asiática do Brasil e veiculado através de anúncios de jornais e de “movimentos da parte de médicos e de outros homens de ciência brasileiros da época.”⁴

O interesse dos ingleses em que o produto de suas técnicas industriais fossem incorporados ao Novo Mundo foi sendo assimilado no Brasil através da substituição das dos gradeados de madeira dos sobrados, por janelas de vidraça e varandas de ferro. Mas a assimilação dos produtos industriais vindos da Inglaterra ultrapassou os interesses de ordem política e econômica. Freyre destaca o sentimento que animava os ocidentalistas brasileiros, qual seja, o da “superação total do Oriente pelo Ocidente na vida brasileira de modo a tornar-se o Brasil área ocidental ou subeuropéia de cultura”⁵ e acrescenta um dado revelador quanto à aposta dos ocidentalistas brasileiros nas novas gerações: pretendiam que estas se insurgissem contra os “prejuízos dos Avós”,⁶ cujos costumes, maneiras e gestos orientais, encontravam-se fortemente enraizado.

³ Idem, p. 478.

⁴ Idem, p. 433.

⁵ Idem, p. 429.

⁶ Idem, p. 430.

A insubordinação apregoada contra os costumes, maneiras e gestos orientais convida a explorar a representação imaginária sobre a filiação ou origem que remonta à formação mestiça.

Qualificadas de ‘indesejáveis’, as sombras dos interiores, com suas cortinas ou grades de madeira, e as sombras exteriores dos beirais e varandas, perfeitamente adequadas ao clima litorâneo, sucumbem literalmente por decreto,⁷ ao apelo da luz, do clareamento europeu. A ensejada abertura para o ‘exterior’ tem início com o alargamento e a iluminação das ruas e praças, com o fim das cortinas e esteiras que garantiam a privacidade dos seus habitantes, agora ‘descobertos’ através das vidraças, com as usuais barbas patriarcais cortadas pelas navalhas e tesouras inglesas. A expressão ‘pra inglês ver’ informa outro sentido, além daquele sociológico apreendido por Freyre, lembrando o aparelho panóptico em seu caráter disciplinar: a nova composição arquitetural e os novos costumes impostos se oferecem ao olhar idealizado do modelo civilizador, ultrapassando a expectativa de meros consumidores da produção industrial, que se amplia à colônia.

No Brasil, a modernização das fachadas e vias públicas, que amplia o campo de visão, não elimina todos os traços incompatíveis com o surto de banimento em prol da europeização: há negros e amarelos com seus costumes largamente disseminados que, nem por decreto, é possível fazer desaparecer.

A partir do processo de desassombramento que pretende renegar uma ‘origem mestiça’ e ‘não civilizada’, conforme o modelo eurocêntrico, seria razoável interrogar, então, que *outra presença* poderia ser lida no imaginário que circula com a mediação do progresso técnico inaugurado com a Revolução Industrial.

⁷ Trata-se do prazo dado aos proprietários dos sobrados da cidade do Rio de Janeiro para acabarem com as ‘rótulas’ das janelas, no prazo de oito dias, a fim de processar-se, no prazo de seis meses, a substituição por grades de ferro. Este decreto foi garantido através da ação policial, conforme relato do Padre Sanctos (1821). In FREYRE, Gilberto. Op. cit., p.429.

Para evitar o caminho de busca por uma gênese, ou de um ponto inaugural a partir do qual seria possível reconstruir evolutivamente o processo de formação do povo brasileiro, valho-me do conceito de *origem*, tomado no sentido benjaminiano, a fim de extrair outros desdobramentos acerca da noção de identidade.

Segundo a noção benjaminiana, é possível explorar a temática da origem como franqueamento do passado sempre mediado pelo lembrar, nunca idêntico a si mesmo, assumido em sua atualidade (porquanto) rememoração. Assim, o que retorna, traz consigo, em seu retorno, a marca presente da *não* totalidade, deslocando-se, condensando-se sintomaticamente, e, neste caso, pode ser lido pelo efeito de *assombramento* que provoca: sombra que ao projetar-se nos espaços evoca a imaterialidade dos fantasmas.

Aproximando a noção de “inacabamento constitutivo” no sentido benjaminiano, e a noção da *origem* do *eu*, fundamental na teoria psicanalítica, é possível ampliar a problemática da identificação com o modelo europeu.

Segundo a psicanálise a condição de ‘inacabamento constitutivo’ lança o recém-nascido na dependência do outro e este passa a funcionar como uma antecipação imaginária de completude. A vivência primordial de corpo fragmentado, descoordenado, passa doravante a ser velada pela imagem do outro como completo, ao preço dessa vivência primordial retornar, atualizada, como ameaça sempre que o outro apareça como não-todo, ou seja, como sujeito dividido que é. A questão do retorno enquanto ‘discordância de sua própria realidade’, em Lacan, e a ‘não-identidade consigo mesmo’, pelo viés benjaminiano, relacionados à origem, convidam a prosseguir na linha de exploração da imagem como artifício de encobrimento/desvelamento, condensada na expressão ‘pra inglês ver’.

A imagem que vela a origem fragmentária ocupa um lugar importante na história da estruturação subjetiva, na medida em que abre caminho para as identificações subseqüentes. Equivale dizer, segundo a concepção psicanalítica que a estrutura narcísica inaugura a dimensão imaginária da completude, que jamais será abandonada, senão perseguida através

dos sucessivos objetos, cuja aposta é sempre a do reencontro com o mesmo. A função do fantasma, pode-se dizer, é de prover respostas a partir de signos de identificação que partem do outro e, imaginariamente, recobriria a divisão original.

Seguindo essa concepção da insistência imaginária que visa a restauração da unidade perdida, é possível extrair conseqüências a partir da chegada do elemento heterogêneo (política imperialista inglesa) ao sistema agrário, patriarcal, regionalista brasileiro. O heterogêneo, estrangeiro, esta *outra presença*, faz sua aparição sob a forma do duplo: de um lado, como o europeu civilizado que oferece as últimas inovações do Velho Mundo, possibilitando o ingresso, aos colonizados, em sua comum-unidade; reconhecer-se na imagem devolvida pelo Outro civilizado – pra inglês ver. Do outro lado, a agressividade dirigida à presença que relembra a ‘inacabamento constitutivo’ – presença do oriental já impregnada na paisagem brasileira – indica o lugar a partir do qual o colonizado se vê.

Neste processo de idealização marcado pela transição do modo de vida agrário para o processo de urbanização, pela via política do *desassombramento*, é possível interrogar-se acerca daquilo que retorna como *sombra* e passa, a partir de então, a ser tratado de forma disciplinar. Os cheiros fortes, as cores vivas, os sabores picantes, o xadrez mourisco que velava o interior das residências, os modos, as expressões idiomáticas, não se ajustam ao olhar do europeu ocidental. A imagem especular reflete um corpo disforme, narcisicamente irreconhecível, estranho ao apelo europeu de civilidade. Como, então, recuperar a aparência de unidade, anterior ao apelo pelo *clareamento*, que havia permitido a coexistência com o Oriente, senão pela via de eleição de um novo ideal, cujo modelo acenava com o ‘puro’, ‘civilizado’, ‘requintado’.

A recusa da presença do oriental talvez possa ser entendida, ainda, sob a perspectiva do tema da restauração em Benjamim, no sentido que esta restauração indica o reconhecimento da perda, e, por isso, “se o movimento da origem se define pela restauração, ele também é, e por isso

mesmo, [algo] incompleto e não fechado”.⁸ Recusar uma presença já consolidada e impossível de ser apagada sem deixar pegadas, em nome de uma reconstrução identitária moderna e de boa linhagem, somente acentua o caráter de incompletude que está na origem de todo deslocamento imaginário.

Vale insistir na ‘aparência de realidade’ que se pretende atingir através do controle dos estímulos ambientais, no Brasil, com o desassombramento nos interiores e exteriores, agentes na preparação dos sentidos para a futura inserção do trabalhador nos modos de produção nascente. Trata-se, antes, de educar os sentidos para a produção de um efeito de unidade que corresponde à imagem de inclusão ao modelo hegemônico de cultura e civilização ocidentais; trata-se de adotar o modelo europeu de produção e consumo, de modo a garantir a imaginária unidade em torno do atestado de origem, sem resto, que o enamoramento é capaz de velar.

Imaginário, este, que sucumbe face à variedade de objetos que podem ser investidos libidinalmente ao retornarem como ameaça sob o signo do exotismo, de costumes bisonhos e indignos daqueles valores ligados à tradição individualista e racionalista européia. Frente à multiplicidade e transitoriedade que é inerente ao objeto de satisfação pulsional, o ideal que se forja a cada novo encontro libidinal cumpre a função de velar, ainda que circunstancialmente, a falha disjuntiva que remete à incompletude.

Dito isto, penso que não é sem propósito reconhecer em Gilberto Freyre a antecipação de uma leitura genealógica ao opor à busca da origem, a tarefa de recuperar as forças discursivas que operam no sistema de dominação que legitima a supremacia do Ocidente sobre o Oriente. Analisar a fabricação do Oriente como discurso permite dissipar a raiz única da identidade brasileira: nela habita a ilusão da existência de um centro, essa primeira pátria à qual os metafísicos aenam com a promessa de que voltaremos. Freyre, encarrega-se de tornar visível as descontinuidades que nos atravessam, mostrando a heterogeneidade daquilo que se imagina conforme a si mesmo.

⁸ GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e Narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 1999, p. 14.